

Muito além da Floresta: Entrevista com Márcia Wayna Kambeba

*Maria José Pereira da Silva**

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura (PPGL) da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Araguaína, Brasil. Bibliotecário-Documentalista da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará-Unifesspa - Campus de Xinguara, Brasil.

 <https://orcid.org/0000-0003-4069-9568>

*Eliane Cristina Testa***

Pós-doutorado com ênfase em etnopoésia, poesia Apinayé/Português, poesia indígena - PPGL/UFT (2019-2020). Doutorado em Comunicação e Semiótica (PUC/SP - 2015). Mestrado em Letras pela (UEL/PR - 2002). Professora de Literatura Portuguesa do Curso de Letras, da Universidade Federal do Tocantins /UFT/ Câmpus de Araguaína. Atualmente, atua no Programa de Pós-graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura da Universidade Federal do Tocantins (PPGL - UFT) e no Programa de Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras - UFT).

 <https://orcid.org/0000-0003-0863-4297>

Recebido em: 04 mar. 2022. **Aprovado** em: 26 jul. 2022.

Como citar esta entrevista:

SILVA, Maria José Pereira da; TESTA, Eliane Cristina. Muito além da floresta - entrevista com Márcia Wayna Kambeba. *Revista Letras Raras*, v. 11, n. 2, p. 296-301, jul. 2022.

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8223115>

Márcia Vieira da Silva (Márcia Wayna Kambeba) nasceu em 1979 na aldeia Ticuna, é indígena da etnia Omágua/Kambeba do Alto do Solimões - AM, onde viveu até os oito anos de idade, quando se mudou com sua família para São Paulo de Olivença (Fig. 1). Mora hoje em Belém - PA. Em sua formação acadêmica, é Graduada em Geografia, pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA, 2006), Especialista em Educação Ambiental para o Desenvolvimento Sustentável, pela Faculdade Salesiana Dom Bosco (2009) e Mestre em Geografia pela Universidade Federal do

*

 maria.jose@unifesspa.edu.br

**

 poetisalia@gmail.com

Amazonas (UFAM, 2012), com a pesquisa sobre o território e identidade da sua etnia. Atualmente é Doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Pará (UFPA/Belém).

Figura 1- Márcia Kambeba



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021)

Possui experiência em educação de jovens e adultos, é professora colaboradora da UEPA na formação acadêmica intercultural de professores indígenas em aldeia e, também, na área de comunicação - locução de rádio. É escritora de literatura indígena e ambiental e possui três livros publicados: *Ay kakyri Tama - Eu moro na cidade* (2013), *O lugar do Saber e Saberes da Floresta* (2020) e *Kumiça Jenó: narrativas poéticas dos seres da floresta* (2021).

Escritora, poeta, compositora, atriz, fotógrafa e ativista, sua poesia mostra semelhanças com a literatura de cordel e reflete a violência contra os povos indígenas e os conflitos trazidos pela vida na cidade. Márcia considera que as pessoas ainda não entendem a questão entre o ser indígena e a relação com a cidade, pois este tem direito à cidade. Sua luta é para que se entenda o bem viver pela perspectiva dos povos indígenas, a questão da memória, da identidade, da cultura e da ancestralidade.

Márcia percorre todo o Brasil e a América Latina com seu trabalho autoral, discutindo a importância da cultura dos povos indígenas, em uma luta decolonial que chama para um pensar crítico-reflexivo sobre o lugar atual dos povos originários sul-americanos. Usa a arte para fazer ativismo. Atualmente é Ouvidora Geral do Município de Belém-PA. Em 2020 entrou para a AILB (Academia Internacional de Literatura Brasileira) nos EUA e é membro da Academia Formiguense de Letras (AFL), em Formiga-MG.

Entrevistadoras: Seu nome de registro civil é Márcia Vieira da Silva. Por que escolheu usar o nome artístico Márcia Wayna Kambeba?

Márcia Kambeba: Meu nome de registro civil de fato é Márcia Vieira da Silva. Márcia Wayna Kambeba não é nome artístico e eu não escolhi por escolher. Recebi esse nome do meu povo Omagua/Kambeba dentro de um momento que, para mim, foi ritualístico. Onde o nome tem relação com o ser da pessoa. Então recebi o nome de Wayna Kyana (moça magrinha, a tradução). E em junho de 2020, por ordem Judicial movida por mim, já aqui no Estado do Pará, através do defensor público Jhony Giffony, eu consegui que Márcia Wayna Kambeba se tornasse o nome oficial no meu registro. Portanto, meu nome de fato e de direito, buscando um reparo da sociedade pela violência que o povo Kambeba sofre e para que esse nome não seja esquecido é Márcia Wayna Kambeba por isso, não se pode dizer que o escolhi para ser um nome artístico. É o meu nome original reconhecido por ordem Judicial. Deixo de ser Márcia Vieira da Silva, nome do branco, para me chamar Márcia Wayna Kambeba, nome que de fato me representa. Vale lembrar que era ordem do governo, em anos passados, que nenhum cartório registrasse um indígena com seu nome de povo, justamente para validar o processo de branqueamento.

Entrevistadoras: Márcia Kambeba, você poderia nos contar se sua família teve influência em suas escolhas educacionais?

Márcia Kambeba: Minha avó exerceu muita influência em minha vida educacional e na forma da minha escrita. Até hoje, mesmo não estando fisicamente nesse mundo, ela continua me influenciando. Foi ela quem me apresentou, ainda na aldeia, a poesia. Ela tinha só a 4ª série primária, mas era uma excelente professora, escrevia poesia autoral, fazia músicas autorais, até paródia ela fazia, mesmo sem se dar conta, e eu cantava e recitava poemas aos turistas em datas festivas. Tive uma boa educação. Ainda na aldeia recebia dela aula de boas maneiras, de como me comportar em público, de dizer sempre com licença, posso falar ou posso passar?, seja bem-vindo etc. Coisas que esquecemos, hoje, de ensinar a nossos filhos ou crianças na escola. Isso ajuda na formação do caráter do ser pessoa. Minha avó era uma grande sábia anciã. Sua ação na aldeia como pajé também me ensinou muito sobre o valor das plantas medicinais. Tudo é ensino/educação. Nada vem por acaso. Todo ato de falar vem com um saber único de cada pessoa ou povo. É preciso saber enxergar.

Entrevistadoras: Fale nos um pouco como se deu sua trajetória como escritora?

Márcia Kambeba: Como falei anteriormente, cresci aprendendo cada dia com meus pais. Falo assim me referindo à minha avó/mãe assunta e ao meu pai adotivo, esposo dela e padrao da minha mãe biológica, chamado Ademar, na aldeia apelidado de Baga. Dele vinha a observação contemplativa do rio, as histórias de Curupira e encantados. Tudo isso moldou minha escrita e me

fez ter um respeito imenso pelos encantados da floresta, ter cuidado na escrita ao falar desses entes da floresta que tudo protegem. E a minha escrita segue como um rio, respeitando a memória que tenho dos saberes que ouvi e aprendi, da observação orante que faço, sempre que me vejo em um barranco olhando o rio e imaginando meu pai dizendo: silêncio! Ouve o rio. Ouvir o rio é ouvir meu eu interior falando comigo e me orientando no que escrever e como escrever, é ouvir minha ancestralidade indicando o caminho por onde seguir, trabalhando minha espiritualidade que se fortalece numa cachimbada, antes de uma escrita ou texto, seja ele o estilo que for. É permissão, é oração, é escrever com o seu sagrado. Assim segue minha escrita nesse tempo. E minha trajetória como escritora está sendo uma excelente experiência e exercício de memória, história, identidade.

Entrevistadoras: Hoje em dia, qual a principal luta do povo Omágua Kambeba?

Márcia Kambeba: A principal luta dos Omagua/Kambeba é manter viva a chama da ancestralidade que movimenta a nossa luta por território, onde se reviver toda forma de identidade, cultura, memória, fortalecendo a história de nossos ancestrais e reescrevendo a nossa, com muita resistência e insistência em dizer que não fomos dizimados, que estamos territorializados em todos, em calha do Alto Solimões, em Fortaleza, no Peru, no Rio Negro, em Manaus e cidades vizinhas a Manaus e vivemos mantendo, viva, a chama da língua materna entre nós e nossas crianças. E, também, toda forma de territorialidade, ser povo das águas, povo cabeça-chata e guerreiro.

Entrevistadoras: Você é Geógrafa de formação, especialista Lato Sensu, Mestre em Geografia (UFAM, 2012), e agora Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Pará (UFPA/Belém), como enxerga a importância da universidade na vida dos indígenas?

Márcia Kambeba: "A Universidade na vida do indígena já é direito e é algo bem notório. O conhecimento do branco é importante para que a palavra seja a arma na defesa do território" (KAMBEBA, 2018). Trecho do meu poema Educação Indígena. Com isso, eu digo que a Universidade é importante para fortalecer nossa ciência que trazemos, ensinada pela própria floresta e pelos sábios anciões. Ciência essa que os que vieram aqui no século 16 aprenderam com nossos antepassados e muito nos foi roubado. Estudar é um direito de todos e estamos em um novo tempo, em que se tem direitos e deveres, e lutaremos por nosso direito a vagas nas Universidades para que se cumpra o que manda a Lei 169. Valorizando também o ensino da sabedoria dos povos em seus territórios.

Entrevistadoras: Poderia nos contar como você percebe ou vê o ensino de literatura indígena nas escolas e/ou nas universidades brasileiras?

Márcia Kambeba: O ensino da literatura nas escolas e Universidades precisa ser mais valorizado. Está na lei, mas não se vivencia, na prática, como deve ser feito. Ainda tem escolas que não trabalham a educação indígena em sala de aula como de fato pode e deve ser utilizada. Penso que precisa ter mais formações para os professores do ensino fundamental, médio e até superior sobre nosso olhar relacionado ao que para nós é literatura. Como ela se apresenta e como a nossa leitura de mundo pode ser partilhada para contribuir com a educação dos cidadãos não indígenas na cidade. Só então as culturas encontrarão respeito e união. Temos indígenas capacitados para estar ministrando essas formações para professores da rede educacional da cidade. Temos material produzido por indígenas que podem ajudar na elaboração do plano de aula dos professores. É preciso ter ousadia e coragem para ser educador.

Entrevistadoras: A primeira edição do livro *Ay kakyri tama: eu moro na cidade* (2013), foi publicada pela Grafisa/Manaus-AM. Surgiu a ideia de escrevê-lo? O que essa publicação significa para você?

Márcia Kambeba: O *Ay kakyri Tama* surgiu da ideia de ter feito uma dissertação sobre meu povo e querer que esse projeto chegasse a mais pessoas. A importância desse livro está na partilha de saberes sobre identidade, cultura e territorialidade indígena que tem, pelo que recebo de retorno, ajudado muitos professores a refletirem, em sala de aula, sobre a cultura indígena.

Entrevistadoras: Como escritora indígena, que perspectivas você tem acerca da literatura indígena no Brasil?

Márcia Kambeba: Eu penso que a literatura indígena cada dia se expande mais. Escritores estão despontando, aumentando o grupo de indígenas que buscam falar de sua cultura usando os mais variados estilos literários. Temos ampliado o grupo de mulheres indígenas na literatura e isso é maravilhoso para um movimento que precisa se fortalecer e se interligar aos outros movimentos, porque pela literatura indígena fazemos resistência também. Com uma escrita política, de resistência carregada de vivências de ontem e de hoje seguimos pensando e produzindo materiais que contribuíam para a sociedade indígena e não indígena também no entendimento de mundo.

Entrevistadoras: Qual a importância de seus textos em relação à luta das mulheres indígenas? Que tipo de violência e/ou de dificuldades você acredita que estas mulheres ainda sofrem?

Márcia Kambeba: Sobre meus textos relacionados a luta das mulheres indígenas, eu escrevo pensando no que podemos fazer de melhor para fortalecer nosso ser mulher, nossa força e ancestralidade, nossa importância na sociedade indígena como liderança e vejo que abre-se um

novo cenário para nós mulheres visando nossa participação nas articulações em prol de um melhor mundo para nossas futuras gerações. Mesmo com as dificuldades que enfrentamos, marchamos em busca do bem-viver. Ainda sofremos ao ver invasões nas aldeias, mulheres ameaçadas por serem lideranças fortes e potentes de seu povo porque se passaram séculos, mas a ganância do capitalismo ainda nos vitimiza e quer exterminar. Estamos na cidade, precisamos que os governantes nos olhem não como mulheres que vivem nas periferias das cidades, mas como mulheres-mãe de um país chamado Brasil, que se forjou na dor de um estupro, muitas vezes coletivo, levando à morte muitas de nossas ancestrais. Por tudo isso Resistir é preciso.

Entrevistadoras: Atualmente, muitos escritores têm usado as redes sociais para divulgar e compartilhar trabalhos críticos e/ou científicos, produções artísticas, fatos pessoais, etc. Para você, as redes sociais são importantes?

Márcia Kambeba: As redes sociais e todas as formas de mídia são importantes para que por meio delas nosso olhar, nossa voz ecoem e se estendam a muitos outros lugares. Precisamos ecoar e ter espaços é importante e, quando não temos, buscamos promover esses lugares de fala e espaços de escuta na aldeia e na cidade. Então as redes sociais, a meu ver, ajudam muito a divulgar a arte e a escrita, que é o desenho do pensamento. Em minha rede social do Instagram tento trazer informação, cultura, apresentar formas de identidade, falar de ancestralidade, memória e promover uma viagem na história Kambeba. Claro que lá também tem relatos sobre o que eu venho fazendo nas frentes em que eu atuo como na política, cultura, arte, educação, militância e trago um pouco do meu dia a dia. No YouTube há vídeos de entrevistas, clip musical e palestras que podem ajudar a pensar questões indígenas. No facebook, a mesma coisa. Muito das minhas produções poéticas estão lá.

Entrevistadoras: E para finalizarmos esta entrevista, poderia nos dizer se há algum novo projeto literário-musical em andamento?

Márcia Kambeba: De novidade para esse ano tenho meu quinto livro a ser lançado sobre “O povo Kambeba e a gota d'água”, que num texto conta como nasceu o Omagua/Kambeba. Em breve estará nas livrarias à venda pela editora Edebê.

Márcia Kambeba, agradecemos imensamente pela entrevista!¹

¹ Entrevista realizada via *whatsapp* no dia 27 de fevereiro de 2022.